

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

RESUMO: A Museologia LGBT é uma categoria conceitual que busca integrar as sexualidades dissidentes da matriz heterossexual no campo da Museologia e nas Políticas Públicas da América Latina. Ela valoriza a produção de iniciativas comunitárias, articulações com grupos marginalizados e combate à LGBTfobia nos museus promovendo justiça social e preservação de memórias negligenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia LGBT, Políticas Públicas, Sociomuseologia, Diversidade Sexual.

ABSTRACT: LGBT Museology is a conceptual category that integrates dissident sexualities of the heterosexual matrix into Museology and Public Policies in Latin America. It values community initiatives, marginalized group collaboration, and combats LGBTphobia in museums, promoting social justice and the preservation of neglected memories.

KEYWORDS: LGBT Museology, Public Policies, Sociomuseology, Sexual Diversity.

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Por diversas vezes e por diversos motivos temos sido questionados sobre o uso da categoria conceitual “Museologia LGBT”. “A Museologia não tem sexo”, nos diz o argumento em oposição mais recorrente, ainda que esse “sem sexo” sirva à preservação da matriz heterossexual historicamente vigente nos museus e na Museologia. Por outro lado, não raro se questiona a escolha da sigla LGBT, especialmente pelo fato desta ser constantemente transformada conforme os contextos históricos que enfrenta, variando, hoje, talvez no uso de um número muito maior de letras que representam distintas identidades. Para nós, contudo, Museologia LGBT passou a ser entendida como uma categoria conceitual criada para ser aplicada no conjunto de iniciativas da América Latina, tal qual temos demonstrado em distintas ocasiões (BAPTISTA; BOITA, 2014; 2017, 2018), de onde se pode depreender sete características básicas:

1 Ser produzida por pessoas que pertencem a determinadas comunidades com sexualidades dissidentes da matriz heterossexual, dotadas de conhecimentos específicos próprios dessas comunidades, falantes do pajubá e comprometidas com uma história, memória, patrimônio e luta social comum — ou seja, é uma Museologia produzida por quem utiliza o pronome “nós” e não apenas por quem é gay ou lésbica, por exemplo, gerando potentes conjugações interessadas na defesa de um coletivo;

2 Opõe-se a tentativas de expropriações de seus patrimônios por pessoas que não pertencem a essas comunidades, em especial quando empreendidas por pesquisadores acadêmicos, políticos demagógicos, ONGs elitistas, igrejas e milícias, entre outras organizações exóticas às comunidades — o pertencimento direto, portanto, é característica fundamental dessa produção;

3 Estar vinculada às políticas públicas na América Latina, e por isso utiliza a sigla LGBT, pois é esta a forma consagrada de denominar a ampla população que não se encaixa na matriz heterossexual no campo das Políticas Públicas deste território

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

(BOITA, 2018), sobretudo como se nota no Brasil (ver BOX). O esforço, portanto, é em conectar a Museologia ao campo dos direitos jurídicos-políticos. Isso não quer dizer que ignoramos as amplas identidades que a cada ano ingressam legitimamente na sigla utilizada no debate não especializado, fora das Políticas Públicas (feitas para durarem longos anos) ou do universo técnico-científico. Pelo contrário; quer apenas colaborar para que essas múltiplas sexualidades possam ter um espaço seguro no frágil debate de Políticas Públicas em uma Museologia que não pense apenas objetos. Nesse sentido, a Museologia LGBT que aqui caracterizamos está interessada sobretudo no acesso à educação, saúde, alimentação, moradia e garantia dos direitos civis de pessoas e coletivos vivos dissidentes da matriz heterossexual vigente;

4 É uma Museologia popular e, conforme realidade latino-americana, é localizada em periferias urbanas ou simbólicas, bem como consta com corpos não-brancos em sua gestão, ou seja, corpos negros, indígenas, afro-indígenas, pardos etc o que a torna uma prática criativa, que valoriza a performatividade enquanto expográfica e utiliza materiais econômicos ou reciclados, indispondo-se a orçamentos elevados pois sabe que existem questões emergenciais onde o dinheiro deve de fato ser gasto;

5 Esta forma de se fazer museologia também congrega pessoas aliadas da causa LGBT, as quais marcadas por outros eixos de subordinação, como gênero, raça e classe, para citar alguns marcadores sociais das diferenças, comungam do mesmo desejo de emancipação e democratização do campo dos museus, patrimônios e memórias. Nesse sentido, é uma Museologia em pleno diálogo com uma Museologia Feminista também emergente e interseccional em raça e classe (BITTENCOURT, 2005;2018; SANTOS, 2017; OLIVEIRA; QUEIROZ, 2017; FERREIRA, 2018; WICHERS, 2018; PRIMO; BRAYNER, 2018; QUEIROZ, 2018). Reforça-se, com isso, um elo histórico entre população LGBT e mulheres feministas,

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

negras e/ou pobres do mesmo modo inconformadas com a exclusão e violência empreendida por uma sociedade fóbica à diversidade;

6 Por sua proximidade com Políticas Públicas e comunidades vulneráveis, a Museologia LGBT integra certamente a Museologia Social ou Sociomuseologia, não sem antes alertar que dentro desse grande escopo também reside a fobia à diversidade sexual comum aos museus. Assim comprovam os inventários participativos que investigamos, onde sequer somos citados como membros das comunidades, como se fosse possível pensar qualquer comunidade brasileira sem a nossa presença e nossas contribuições no campo patrimonial e museológico. Não compactua, portanto, com uma Museologia que se pretende social discutida, protagonizada e produzida restritamente por heterossexuais masculinos e homofóbicos — pois essa, certamente, já não tem mais nada de social. Preferimos, certamente, uma Museologia Social ou Sociomuseologia construída em conjunto com pessoas desconstruídas e multiculturais, somando-se a outros movimentos sociais do mesmo modo interessados na desconstrução (CHAGAS; GOUVÊA, 2014).

7 Por valorizar performances, vocabulários, múltiplas sexualidades e identidades plurais em constante renovação, este modo de conceber Museologia pode ser nomeado como Museologia Pajubá, Museologia Babadeira, Museologia Pintosa, Museologia Fechativa, Museologia Afrontosa, Museologia Travesti, Museologia Trans, Museologia Sapatão, Museologia Lgbt Afro-Indígena, entre outras possibilidades criativas que certamente irão variar quanto mais se experimentar uma libertação sexual museológica. Contudo, especialmente nos cenários adversos latino-americanos e orientando-se pelas demandas de movimentos sociais e comunidades, a potencialidade de cada performance museológica parece estar em sua capacidade de se articular diretamente com Políticas Públicas, ou seja, no esforço permanente em superar a exposição pela exposição e a salvaguarda de

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

memórias das elites. O que parece ser emergencial é uma Museologia interessada na superação das extremas desigualdades que afetam as pessoas dissidentes da matriz heterossexual ao aqüendar (lembrar) memórias negligenciadas com alto potencial de denúncia, mobilização e sensibilização. Para uma Museologia condizente com nossas realidades, não basta apenas sermos representadas montadas, glamurosas, exuberantes e divertidas quando iluminadas no palco (condição cara para nossa cultura, porém não exclusiva), mas, também, é preciso explorar as condições desumanas em que nos encontramos quando as luzes se apagam para, desse modo, propor uma mudança.

Como se percebe, esta Museologia está construída em oposição a uma outra Museologia que se pretende hegemônica e excludente existente na América Latina, marcada pelo excessivo empenho do campo museológico preso a uma matriz sexual onde é importante salvaguardar apenas o passado de homens, de brancos, da elite econômica e de heterossexuais.

Também não adere facilmente a uma perspectiva Queer colonizante e desconectada das dimensões raciais, econômicas, políticas e da ampla diversidade das comunidades sexualmente dissidentes da América Latina. Além de ser estranho às realidades locais populares, o conceito Queer ainda distancia o debate das Políticas Públicas, sendo, portanto, um conceito que enfraquece a luta social latino-americana no campo político e jurídico, que é o que nos interessa. Por isso a Museologia LGBT vale-se da potência do conceito de Queer of Color Critique (FERGUSON, 2018) de modo a explorar o amplo campo reflexivo ofertado por uma crítica feita por pessoas não-brancas. Desse modo, pode-se dimensionar melhor a realidade latino-americana nas suas tensões mais profundas do campo econômico, racial e social por meio não apenas da desconstrução da matriz heterossexual vigente nos museus (tal qual poderia propor uma abordagem Queer branca e elitista disposta a escamotear identidades latino-americanas), mas, sobretudo, de outras

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

matrizes, como a racial e a econômica (intersecções fundamentais para se compreender nos- sa realidade).

O que denominamos Museologia LGBT é, por- tanto, uma escolha polí- tica, onde a sigla LGBT é potência de discussão em Políticas Públicas, e uma escolha teórica, no caso do uso crítico do conceito Queer aplicado a partir de uma perspectiva interseccional, vi- sando sobretudo a superação das desigualdades que pesam às comunidades dissidentes da matriz heterossexual hoje hegemônica.

Assim, temos visto a produção de ações e conhecimentos sobre museus, memória e Museologia LGBT fora dos grandes centros, socialmente organizada por meio da Rede LGBT de Memória e Museologia Social e academicamente reunida no Grupo de Trabalho Corpo, Gênero e Sexualidade do Seminário Brasileiro de Museologia. Nessas articulações, vemos uma Museologia capaz de pensar favela (BOITA, 2018), moradia (MA- CHADO, 2019), saúde (SOUZA, 2020), formação profissional (GIOVANAZ, 2019), direito à memória de pessoas trans (OLIVEIRA, 2014; UCHOA, 2020), lesbianidades (GOULART, 2013; ALVES, 2020), espaços de salvaguarda de memória (AREDA, 2020; FERNANDES, 2014; VIEIRA, 2020), cultura e lazer (RODRIGUES; IRINEU, 2014; SILVA, 2019 BRITTO; MACHADO, 2020), entre outros temas permeados pela preocupação em superar a LGBTfobia estrutural no Brasil.

Em conjunto, essa recente produção e suas autorias revelam a fecundidade da relação entre Museologia, Políticas Públicas para população dissidente da matriz heterossexual e justiça social. Ao mesmo tempo, produz-se uma nova geração decolonizada de profissionais dotados de coragem suficiente para não ficar no armário em nenhum momento da vida, sejam quais forem as circunstâncias.

O que se vê, portanto, é que estamos aí, pensando, escrevendo, fazendo, (ainda) vivendo apesar dos pesares, sem aceitar os tradicionais esforços de nos

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

invisibilizar, em tentar nos convencer que não somos importantes, em tentar nos transformar em abjetos, em nos ex-terminar, em fingir que não sabem de nossos escritos, esses necroses fóbicos à vida que sofrem só de ver nossos corpos respirando, imagine só quando nos veem lacrando — não passarão, não vencerão.

LGBT, uma sigla no campo das Políticas Públicas

O mais recente uso da sigla LGBT se deu em 2019 no voto do Ministro Celso de Mello sobre a criminalização da homo e transfobia, onde se evidencia o entendimento atual do uso da sigla para as Políticas Públicas brasileiras e seu aporte jurídico: "É preciso esclarecer, desde logo, que a sigla LGBT, no contexto dos debates nacionais e internacionais sobre a questão da diversidade sexual e de gênero, tem sido utilizada para designar a comunidade global das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, intersexuais, além de outras definidas por sua orientação sexual ou identidade de gênero. A expressão LGBT, além de possuir a virtude de haver sido formulada pela própria comunidade que designa, atingiu ampla aceitação pública e consenso internacional, consagrando-se sua utilização, no Brasil, em 08/06/2008, na I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (convocada por meio do decreto presidencial de 28 de novembro de 2007), cabendo assinalar, no entanto, que a primazia conferida ao uso desse termo decorre, exclusivamente, do prestígio e do renome que o acrônimo LGBT adquiriu no âmbito da defesa dos direitos humanos e do combate à discriminação, sem que o seu emprego signifique indiferença ou esquecimento em relação às demais siglas também utilizadas, especialmente com o propósito de fazer incluir, em sua definição, as pessoas que se identificam como 'queer' (LGBTQ), as pessoas intersexuais (LGBTQI), as pessoas assexuais (LGBTQIA) e todas as demais pessoas representadas por sua orientação sexual ou identidade de gênero (LGBTQI+)."

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Referências

ALVES, Luciana Bozzo. “Bem-vinda à clandestinidade!”. Revista Memória Lgbt, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 4-9, Jun. 2020. Disponível em: www.memoriaslgbt.com/edicoes. Acesso em: 5 ago. 2020.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. Cadernos de SocioMuseologia, v. 54, n. 10, 2017.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Por uma Primavera LGBT nos Museus: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país. Museologia e Interdisciplinaridade. v. 7, n. 13, 2018.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e Museologia Social. In: CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês (Orgs.). Museologia social: reflexões e práticas. Cadernos do CEON, v. 27, n. 41, 2014.

BITTENCOURT, Renata. Modos de negra, modos de branca: a imagem da mulher negra na pintura do século XIX. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. BITTENCOURT, Renata. Modos de negra e modos de branca: o retrato “baiana” e a imagem da mulher negra na arte do século XIX. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281434>. Acesso em: 20 maio 2020

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

BITTENCOURT, R. (2018). Feminismo, arte e a representação da mulher negra. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 7(13), 237-251. <https://doi.org/10.26512/museologia.v7i13.17788>

BOITA, Tony. Cartografia das memórias desobedientes. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018

BRITTO, Clovis Carvalho; MACHADO, Rafael dos Santos. Informação e patrimônio cultural LGBT: as mobilizações em torno da patrimonialização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, 2020.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas. *Cadernos do CEON*, v. 27, n. 41, 2014.

FERGUSON, Roderick. Queer of Critical Color. In: *Oxford Research Encyclopedia, Literature*. Oxford University Press, 2018.

FERREIRA, Luzia Gomes. A poética da existência nas margens: percursos de uma museóloga-poeta pelos circuitos artísticos da “Lisboa Africana”. Tese de Doutorado (Doutorado em Museologia) — Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018.

GIOVANAZ, Marlise. A sala colorida: uma reflexão sobre a participação do Curso de Museologia na Exposição “Uma Cidade pelas Margens”. *Anais do IV Seminário Brasileiro de Museologia: Grupo de Trabalho Museus, Gênero e Sexualidade*. Brasília, 2018.

GOULART, Treyce Ellen. Entre as mulheres, eu sou negra, entre as negras, eu sou lésbica. *Revista Memória Lgbt*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 07-11, nov. 2013. Disponível em: www.memoriaslgbt.com/edicoes. Acesso em: 5 ago. 2020.

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

MACHADO, Rafael dos Santos. Museologia e sexualidade: imaginação museal e coletivismo LGBT da Casamor de Aracaju/SE. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; QUEIROZ, Marijara Souza de. Museologia – Substantivo Feminino: Reflexões sobre Museologia e gênero no Brasil. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n. 5. São Paulo: SESC/SP, 2017.

OLIVEIRA, Anna Luísa Santos de. Homens Transexuais. Revista Memória Lgbt, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 20-21, fev. 2014. Disponível em: www.memoriaslgbt.com/edicoes. Acesso em: 5 ago. 2020.

PRIMO, J., & Brayner, V. (2018). Nunca mais o Silêncio. Por uma política das memórias do feminino na resistência. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 7(13), 155-173. <https://doi.org/10.26512/museologia.v7i13.17782>

QUEIROZ, E. Q. (2018). Feminismo é a ideia radical de que mulheres são gente. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 7(13), 174-186. <https://doi.org/10.26512/museologia.v7i13.17784>

RODRIGUES, Mariana Meriqui; IRINEU, Bruna Andrade. 12 anos de Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais. *Revista Memória Lgbt*, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 14-20, Jun. 2014. Disponível em: www.memoriaslgbt.com/edicoes. Acesso em: 5 ago. 2020.

SANTOS, Suzy da Silva. Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. [doi:10.11606/D.103.2017.tde-13122017091321](https://doi.org/10.11606/D.103.2017.tde-13122017091321). Acesso em: 2020-08-06.

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

SILVA, Vinícius Santos. Museologia da “fechação”: evento-território e memória entre os “viados de fanfarra” na Bahia. Anais do IV Seminário Brasileiro de Museologia: Grupo de Trabalho Museus, Gênero e Sexualidade. Brasília, 2018.

SOUZA, Alex Padilha. A construção da memória da epidemia de AIDS e seus desdobramentos: qual o lugar dos museus nessa história?. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

UCHOA, Luiz Fernando Prado. #Exposição (em Revista) Memórias de Luiz Fernando Prado Uchoa. 2020. Disponível em: <https://memoriaslgbt.com/2020/05/17/exposicao-luiz-fernando-prado-uchoa/>. Acesso em: 5 ago. 2020.

VIEIRA, Leonardo. Notas sobre iniciativas contemporâneas de cogestão das memórias LGBT. Revista Memória Lgbt, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 10-14, Jun. 2020. Disponível em: www.memoriaslgbt.com/edicoes. Acesso em: 5 ago. 2020.

WICHERS, Camila Moraes. Museologia, feminismos e suas ondas de renovação. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v.7, n. 13, 2018.

SOBRE AS AUTORIAS:

Jean Tiago Baptista, Universidade Federal de Goiás

Doutor em História, Professor do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás. E-mail: jeantb@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6013-4073>

Tony Boita, Revista Memória LGBT

O que é Museologia LGBT?

JEAN BAPTISTA, TONY BOITA, CAMILA MORAES WICHERS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Museólogo e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás, coordenador do projeto Memória LGBT. E-mail: tonyboita@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3780-2157>

Camila Azevedo de Moraes Wichers, Universidade Federal de Goiás

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona e em Arqueologia pela Universidade de São Paulo – Professora de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás - UFG. E-mail: camilamoraes@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8996-7183>

RECEBIDO em: 12/12/2020

APROVADO em: 25/01/2021